

CICLO DE DEBATES SOBRE ÉTICA - PARTE I

Ética

Luiz Roberto Benedetti¹

COMO SITUAR A QUESTÃO ÉTICA HOJE?

Tema discutido no cotidiano da grande imprensa, objetivo explícito de movimentos organizados, preocupação constante dos que levam a sério a questão dos destinos da humanidade, este problema aparece polarizado entre, de um lado o universalismo das normas e, de outro, do particularismo das situações. Claro, é situar aqui e agora, no concreto da História, as “marcas” universais que definem a humanidade do homem.

Mas não é nesse nível que falamos de polarização, mas sim no nível das propostas éticas. De um lado, há aqueles que fundam na existência de um universalmente ético, enraizado numa concepção do homem como natureza imutável, sempre idêntica a si mesma e base de uma visão globalizante e integrada da relação do homem com o mundo, a única possibilidade de um agir livre, isto é, historicamente responsável. De outro lado, há os que preconizam uma espécie de “minimalismo situacional”: qualquer visão totalizante sempre reprime, sempre aprisiona, sempre impede o exercício da liberdade lá onde ela realmente se define como tal: na situação concreta. O limite deste minimalismo parece residir naquilo que se chama de pós-modernidade ética, na qual a satisfação pessoal é o critério para a construção da identidade humana, nos planos individual e social.

Como situar-se no interior desta tensão constitui o objetivo do Ciclo de Debates sobre Ética, aqui reproduzido em sua primeira parte. Não se trata de dar respostas prontas, menos ainda de cair em casuísmo que privilegiam, ora a norma e sua imutabilidade e permanência, ora a situação e sua transitoriedade. Trata-se sim de ir aos fundamentos.

O ponto de partida é uma constatação óbvia: a crise ética, hoje, é um fato. No Brasil, mais particularmente. Basta citar, a título de exemplo, o último documento dos bispos brasileiros e os vários movimentos sociais que exigem “ética na política” e transparência na gestão dos bens públicos. Em nível, mais abrangente, de cultura ocidental sente-se

falta de um princípio totalizante, de uma visão global do homem e da história, que dê um sentido às várias experiências individuais, grupais e sociais e harmonize as atividades humanas que aparecem desarticuladas entre si: a economia (vida profissional), a vida de relações afetivas, o lazer, a participação (quando há) na vida social. A repercussão, ainda que num nível de especulação tendenciosa por parte da imprensa, da última encíclica de João Paulo II, o *Esplendor da Verdade*, não deixa de ser sintomática desse vazio de uma posição definida que permita ao homem contemporâneo “situar-se”, em meio ao embate de idéias e desafios das situações, que tem, em sua própria transitoriedade, a justificativa última de ser o que são. E de como tal, determinarem os comportamentos individuais e sociais.

A ausência de valores, ou de um valor totalizante, reduz a própria ética profissional, por exemplo, a receitas para se fugir às sanções quando se é apanhado burlando as leis que regulam o exercício do profissional para além de uma visão puramente técnica.

A Universidade está no centro deste problema. Reduzida a formadora de recursos humanos para o mercado de trabalho, produtor/reprodutora de ciência e tecnologia que se realimentam mutuamente, ela perdeu seu caráter de *universitas*, isto é, de espaço aberto no qual a sociedade se pensa, se reflete, propõe novos caminhos e perspectivas para o conjunto de vida social. Saber técnico, saber científico e saber humanístico constituem um conjunto indissociável. Uma visão coerente e articulada do homem e de suas relações, dos valores que governam sua ação é pressuposto insubstituível de uma universidade digna deste nome.

Vem destas observações o objetivo de um Ciclo de Debates sobre o tema Ética. Mais do que discutir questões éticas situadas no âmbito profissional, debater os pressupostos fundamentais para a elaboração de uma visão ética de ação do homem no mundo. Os valores e fins da ação humana - objeto de ética - estão sujeitos à interpretação e esta privilegia quase sempre o contexto histórico, quando não os interesses puramente individuais e a busca de satisfação pessoal. Os críticos chamam esta realidade de pós-modernidade, a que nos referimos atrás.

Nesse contexto, trata-se de perguntar sobre os valores

(1) Doutor em Sociologia, Professor Titular do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas e do Instituto de Filosofia da Puccamp.

e fins da ação humana, de forma a superar, tanto uma ética da situação - a situação objetiva define o que é ou não ético - quanto uma visão a-histórica - que elabora princípios imutáveis, válidos, mas impotentes para responder aos desafios da realidade cotidiana.

Para responder a essa problemática, as conferências e discussões de ciclo de debates enfocarem quatro temas:

O primeiro trata das relação entre natureza e cultura como fundamento do agir ético. O homem não age determinado pela sua biologia, mas faz-se homem exatamente pela capacidade de controlar e assumir de forma consciente seu processo vital e evolutivo. Nesse contexto, tem sentido, falar de lei natural? Ver a sociedade como convenção - isto é, como realidade construída pelo homem - possibilita escapar a uma visão puramente biologista da ação humana, que encara como ético tudo o que corresponde a um ciclo objetivo da natureza, às suas leis tidas como imutáveis.

A segunda conferência procura aprofundar o debate. A razão e a faculdade que define o homem. O Ocidente elaborou sua cultura com o pressuposto de que, utilizando a razão, o homem seria capaz de um agir ético, de caráter universal, acabando com todos os particularismos fundados no espírito de clã, de tribo e nas diferenças ligadas às visões de mundo religiosas. Quais as conseqüências dessa racionalidade ética? Essa racionalidade humana se desenvolveu como racionalidade funcional, pragmática, ligada ao desenvolvimento do mercado e produziu a situação que hoje enfrentamos. Que desafios se impõem e que perspectivas se abrem a médio e longo prazo?

O terceiro tema debate a crise atual dessa racionalidade moderna e a emergência do que convencionou chamar de razão pós-moderna, que coloca a busca da satisfação pessoal como critério último de validade da ação humana. O culto da aparência, a lei da vantagem pessoal, a imagem de si como valor que importa mais do que o ser e acreditar em verdades fundamentais caracterizaram esse vazio ético. Qual o verdadeiro alcance dessa visão?

Mas, ao longo desse processo houve vozes discordantes. Tanto o humanismo marxista, quanto o existencialismo e o personalismo remaram contra a corrente e propuseram uma cultura do compromisso, do risco, da solidariedade como valores fundamentais associados a uma concepção que vê o homem como liberdade responsável. As contribuições que esse pensamento pode trazer a uma recuperação da ética hoje são objeto da última reflexão desse ciclo.

Cada tema é tratado de forma a incorporar ao debate elementos sobre a "cultura brasileira" - a ética do "jeitinho", do favor, a política do clientelismo, do "sabe com que está falando", como dados indispensáveis à compreensão do problema ético no Brasil hoje.

Mais do que um simples registro deste ciclo, este número quer ser uma memória, no sentido profundo da palavra: *aquilo que permanece*, isto é, que fecunda continuamente a realidade transitória do dia a dia, que só é histórica porque não esquece o passado nem aprisiona o presente mas faz da interrogação contínua de um e outro a abertura para o futuro.